
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

BRENDA VITHIENES MOLINA FORNAZARI

AUTISMO, ESCOLA E AS DIFICULDADES ENFRENTADA PELOS PROFESSORES



Rio Claro - SP
2024

BRENDA VITHIENES MOLINA FORNAZARI

AUTISMO, ESCOLA E AS DIFICULDADES ENFRENTADA PELOS
PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Rinaldo Correr

Rio Claro - SP
2024

F727a	<p>Fornazari, Brenda Vithienes Molina</p> <p>Autismo, escola e as dificuldades enfrentada pelos professores / Brenda Vithienes Molina Fornazari. -- Rio Claro, 2024</p> <p>24 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro</p> <p>Orientador: Rinaldo Correr</p> <p>1. Autismo. 2. Crianças. 3. Educação infantil. 4. Inclusão. 5. Escolas. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BRENDA VITHIENES MOLINA FORNAZARI

AUTISMO, ESCOLA E AS DIFICULDADES ENFRENTADA PELOS
PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rinaldo Correr

Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca

Prof. Dr. Fábio Caires Correia

Aprovado em: 03 de junho de 2024

Assinatura do discente

Assinatura do(a) orientador(a)

Dedico este trabalho à minha mãe, Regiane Molina, que sempre foi minha maior inspiração na profissão e como ser humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por me proporcionarem viver tudo isso, me manterem em Rio Claro durante todos esses anos, por todo o apoio, todas as infinitas conversas, por sempre deixarem claro que queriam apenas que eu fosse feliz, independente das minhas escolhas. Obrigada mãe, obrigada pai por nunca soltar minha mão e sempre proporcionar o melhor para mim e aos meus irmãos. Sem vocês eu nada seria.

A República Americana por me encorajaram diariamente, escutar pacientemente sobre todas as minhas experiências na profissão e sempre estarem prontas para ser meu colo quando necessário, minha fonte inesgotável de felicidade e por sempre estarem do meu lado. Esses anos foram muito mais fáceis tendo vocês para dividir casa e a vida.

As minhas amigas de sala, Ana Carolina, Julia Mariano e Lauany, por dividirem as experiências desafiadoras do dia a dia, por todas as ideias e desabafos trocados e seguirem comigo durante toda a nossa jornada.

As minhas primas pedagogas, Ana Laura e Daniele que sempre me encorajaram, buscaram sempre me escutar com muita atenção e amor e me ajudarem nessa jornada incrível.

RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta discutir as complexas interações entre o autismo, a educação inclusiva e o ambiente escolar. Buscando compreender como a inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares pode ser inovada, tendo em vista as dificuldades que os mesmos apresentam, podendo refletir nas habilidades de comunicação e interação social. Este projeto busca analisar as práticas pedagógicas dos professores da educação infantil em relação à inclusão dos alunos identificando os resultados e métodos. O método envolve uma revisão sistemática com três fases: levantamento bibliográfico, seleção de artigos e análise/categorização. O objetivo é contribuir para o desenvolvimento de estratégias de ensino mais eficazes para alunos com TEA na educação inclusiva. Com esse trabalho foi possível concluir que ainda há muito o que evoluir quando se trata dos conhecimentos e noções básicas do autismo, é necessário investimento em capacitação para os profissionais das escolas e suporte para que possam realizar um bom trabalho. Esse caminho precisa ser percorrido em conjunto entre família, escola e aluno pois apenas assim o sucesso será alcançado.

Palavras-chave: Autismo, Educação Infantil, Diversidade, Inclusão

ABSTRACT

This research aims to discuss the complex interactions between autism, inclusive education, and the school environment. It seeks to understand how the inclusion of students with ASD in regular schools can be innovated, considering the difficulties they present, which may impact their communication and social interaction skills. This project aims to analyze the pedagogical practices of early childhood education teachers regarding the inclusion of students, identifying results and methods. The method involves a systematic review with three phases: literature review, article selection, and analysis/categorization. The objective is to contribute to the development of more effective teaching strategies for students with ASD in inclusive education. With this work, it was possible to conclude that there is still much to be done regarding the basic knowledge and understanding of autism. Investment in training for school professionals and support is necessary for them to perform well. This path needs to be traveled together by family, school, and student because only then will success be achieved.

Keywords: Autism, Early Childhood Education, Diversity, Inclusion

Title in english: Autism, school and the challenges faced by teachers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AS DIFICULDADES OBSERVADAS PELOS PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA ÁREA.....	11
3	ALTERNATIVAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NA ESCOLA.....	14
4	VIVÊNCIAS PESSOAIS.....	18
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

O tema autismo começou a ser estudado e discutido em 1911, quando foi utilizado pela primeira vez pelo suíço Eugene Bleuler, em seu livro “Dementia Praecox or the Group of Schizophrenias” (1911). No entanto, na época, foi empregado para descrever uma fuga da realidade como um sintoma de esquizofrenia. Trinta e dois anos depois, em 1943, o termo foi retomado pelo austríaco Leo Kanner, em seu artigo seminal “Autistic Disturbances of Affective Contact” (1943), que observou características mais próximas do que é considerado, hoje em dia, como estereótipo do autismo, incluindo prejuízos na comunicação, comportamento e interações sociais.

Desde então, houve avanços importantes e significativos na compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, ao longo dos anos, os progressos não foram tão expressivos. O autismo continua sendo um tema relativamente novo e, grande parte da população ainda não sabe como lidar com pessoas do espectro, desconhecendo suas características principais. Os espaços, incluindo as escolas, muitas vezes, não estão preparados para receber crianças com esse diagnóstico, o que reflete uma área ainda pouco explorada e compreendida.

Atualmente, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta habilidades de comunicação, interação social, emoções, motricidade e sensações. O Código Internacional de Doenças – CID 10 e Problemas Relacionados à Saúde, publicado pela Organização Mundial da Saúde, em 1992, em sua décima edição, define:

o autismo infantil como um transtorno global do desenvolvimento caracterizado por um desenvolvimento anormal ou alterado que se manifesta antes dos três anos de idade. Ele apresenta uma perturbação característica nos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação e comportamentos focalizados e repetitivos. Além disso, é acompanhado por outras manifestações diversas, como fobias, perturbações do sono ou da alimentação, e crises de birra ou agressividade (categoria F84.0)

Após quatro anos de experiência, trabalhando em escolas com crianças com TEA, pude observar diversas características, tanto nos alunos, quanto na preparação das escolas para recebê-los. Atuei com diversas faixas etárias, desde o maternal até o nono ano do ensino fundamental 2, o que me proporcionou uma visão ampla das diferentes características apresentadas pelos alunos com TEA. Não há uma regra universal para todos eles; suas especificidades variam significativamente. Alguns têm uma dieta variada, enquanto outros têm preferências alimentares específicas, como comer apenas alimentos de determinada cor. Além disso, muitos alunos com TEA têm dificuldades para aceitar o que é oferecido nas escolas. Cada um deles é único, e suas necessidades também são distintas.

Na maioria dos casos, as escolas não estão preparadas para lidar com alunos do Transtorno do Espectro Autista. Faltam profissionais capacitados e orientações específicas para os professores sobre como agir, quais atividades oferecer e que cuidados tomar. A formação acadêmica, incluindo cursos de pedagogia, muitas vezes não aborda adequadamente a educação especial, deixando os professores despreparados para lidar com essa realidade. Minha própria experiência na faculdade de pedagogia foi limitada nesse aspecto, com apenas algumas disciplinas que tratavam o tema de forma superficial. A maior parte do aprendizado ocorreu na prática, quando tive que entender e atender às necessidades dos alunos por conta própria.

2 AS DIFICULDADES OBSERVADAS PELOS PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA ÁREA

A defasagem do ensino em relação à educação especial é motivo de preocupação para os profissionais, devido à grande demanda de professores, em diferentes níveis da carreira, que têm encontrado dificuldades em adequar estratégias e responder aos desafios propostos por uma política educacional inclusiva. De maneira ampla, a investigação indicou que os professores envolvidos nos estudos, não se sentem qualificados e aptos para trabalhar e desenvolver atividades e estratégias, que contemplem alunos com TEA.

Vicari e Rahme (2020), em seus estudos, afirmam que os profissionais que trabalham com inclusão nas escolas, demonstram inseguranças em relação às estratégias de ensino que devem utilizar. Outro dado encontrado neste estudo é que além de não identificarem apoio dos órgãos que são responsáveis pela inclusão, no casos os alunos com TEA, passam a maior parte do período em sala de aula, mas, sem tarefas, de fato direcionadas a eles. Em complementação, está relatado que os profissionais não conseguem buscar uma formação continuada, com o objetivo de uma formação específica para aprenderem a lidar com o TEA. Compreendemos, a partir de uma visão reflexiva, que isso acontece devido a legislação não definir a formação necessária para a atuação nas escolas.

Os estudos apontam que, quando para o trabalho com educação especial, é necessário ter ciência que as atividades propostas para a turma, assim como, as avaliações podem ser adaptadas para esses alunos, independente se for em relação ao conteúdo, a formatação, quantidade de exercícios e isso deve ser analisado e realizado pela equipe escolar, ou seja, não é função única e exclusiva do profissional de apoio da criança e não apenas do professor da sala, mas sim um trabalho em equipe.

Em suas pesquisas, Vicari e Rahme (2020) também afirmam que as escolas não devem assegurar apenas a presença dos alunos com TEA nas escolas, mas devem visar a aprendizagem dos conteúdos pedagógicos e da autonomia dessas crianças, pois desta forma estarão assegurando uma educação para todos. E é por este motivo que a gestão como um todo deve incentivar a formação continuada, para desta forma desenvolver diferentes ações educativas no interior do ambiente escolar, caminhando, dessa maneira, para a construção de práticas educativas alinhadas ao direito à educação.

O suporte para uma efetiva educação inclusiva está referendado pelos documentos oficiais, que orientam para a concepção de que, quando o direito à educação não é garantido para todos, a exclusão acontece, “A Pedagogia da exclusão tem origens remotas, condizentes com o modo como estão construídas as condições de existência da humanidade em determinado momento histórico” (BRASIL, 2001, p. 19). Por meio das Diretrizes Curriculares da Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001, p. 19-20) é possível salientar que “[...] o grupo que é comumente excluído do sistema educacional é composto por alunos que apresentam dificuldades de adaptação escolar por manifestações condutuais peculiares de síndromes e de quadros psicológicos”.

Segundo EL Tassa et. Al (2023), em pesquisa realizada sobre educação inclusiva e o curso de formação de docentes, foram apontadas as queixas dos professores em relação a metodologias de ensino ineficientes, falta de apoio do governo, falta de informação na área de educação especial e diversos outros fatores. Os professores se queixam de não conseguirem conciliar teoria e prática, pois elas se distanciam muito, isso é justificado devido ao distanciamento das políticas públicas com a realidade, em que apresenta salas de aula lotadas, falta de auxiliares, desunião da equipe docente, entre outros.

Os professores se sentem muito despreparados para lidar com a educação especial e, em grande parte, isso se justifica devido às suas formações iniciais, nas quais o assunto TEA é muito pouco abordado, muitas lacunas são observadas em relação ao trabalho e estudo da educação inclusiva. Portanto, só serão especialistas, neste tema, após a formação docente inicial, através de cursos específicos, diversas faculdades oferecem essas formações de forma remota, para que as pessoas possam ter maior oportunidade de realizá-lo, pois um curso EAD possibilita que a rotina dos estudantes em relação às atividades seja mais flexível.

Os cursos de licenciatura e formação de docentes apresentam diversos pontos de fragilidades. Nessa esfera, de ausências e brechas na formação inicial de base, a responsabilidade recai sobre o próprio professor. Portanto, é esperado que os profissionais busquem por conta própria meios de aprimorar suas práticas docentes. A educação deve formá-lo para o contexto escolar, mas será através das suas práticas e atitudes que seu trabalho será definido, por este motivo que o docente deve estar em constante construção e aperfeiçoamento. Marx afirma que “Cada um, ao realizar-se, cria o outro; cria-se sob a forma do outro.” (MARX,1973, p.

221), ou seja, o docente tem a capacidade de transformar e adequar sua realidade com base no contexto em que está inserido e dessa forma atender às necessidades de aprendizado de todos os alunos, isso vai de encontro com a ideia de Libâneo (2004, p. 5) “[...] uma política educacional inclusiva deve estar fundamentada na ideia de que o elemento nuclear da escola é a atividade de aprendizagem”.

Em pesquisa realizada, Hansen et. Al (2014) apresentam os resultados sobre a inclusão escolar e autismo. No estudo, foi indicado que é necessário que os docentes recebam mais suporte técnico-pedagógico, para que, desta forma, não se sintam despreparados e sozinhos. Dessa maneira é preciso que a estrutura e a organização escolar realizem o planejamento com foco nos princípios inclusivos. Para que a inclusão seja bem-sucedida, a parceria e alinhamento entre escola e família é muito importante. Dessa forma, é possível alcançar a socialização e o aprendizado das crianças com TEA. Outra informação relevante, versa sobre a hipótese de que, quando o trabalho é desenvolvido em casa e no ambiente escolar, o sucesso tem maiores chances de acontecer. Sobre esse ponto, observamos que, pelo fato da criança passar apenas uma parte do seu dia na escola, o trabalho com desdobramento e continuado com os familiares confirma essa ideia. Assim, pontuamos a importância que os dois ambientes estejam alinhados.

3 ALTERNATIVAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NA ESCOLA

O TEA é um tema recente, dessa maneira, não foi encontrado um número razoável de pesquisas, em especial, que aprofundem essa temática nas escolas. Contudo, na atualidade, já pode ser observado alguns avanços e práticas desenvolvidas que vem trazendo resultados positivos. Para trabalhar com alunos com TEA, é necessário estar ciente de que o currículo, as aulas e atividades, muitas vezes, precisarão ser adaptadas, os docentes devem estar dispostos a fazer o melhor para os seus alunos e abertos a realizar um planejamento muitas vezes distinto do restante da turma. Alguns estudos vêm sendo realizados sobre práticas que facilitam o aprendizado dos alunos com TEA e algumas delas foram observadas para realizar este trabalho e serão apresentadas abaixo.

Nascimento (2021), em seu estudo, afirma que o uso de tecnologias assistivas tem um papel fundamental no desenvolvimento de crianças autistas, elas podem ser caracterizadas conforme a Lei Brasileira de Inclusão, 13.146 de julho como “produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que tenham como objetivo promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando a sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social” (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência, 2015). Algumas dessas tecnologias, nas escolas, são os materiais escolares e pedagógicos acessíveis, a comunicação alternativa, os recursos de acessibilidade ao computador, os recursos para mobilidade, localização, a sinalização, o mobiliário que atenda às necessidades posturais, entre outros. Todos esses recursos oferecem auxílio no desenvolvimento da comunicação e promovem a interação social desses estudantes. Através dessas tecnologias também é possível adaptar os conteúdos para que se tornem mais acessíveis e é possível o aprendizado para os alunos com TEA.

A utilização das tecnologias assistivas também possibilita uma comunicação alternativa, que, muitas vezes, auxiliam o desenvolvimento da comunicação e das interações sociais, trazendo mais facilidade para as crianças com TEA expressarem suas necessidades e desejos. Essa seria uma das estratégias que podem ser desenvolvidas nas escolas, algumas outras também serão exploradas.

Segundo Pinto (2013) quando o docente incorpora em suas atividades temáticas de interesse do aluno autista, muitas vezes utilizando de recursos visuais, possui muito mais chance de obter bons resultados, pois a criança com TEA sempre tem um hiperfoco, que é quando a criança destina sua atenção intensamente por uma tarefa ou conjunto de estímulos específicos, seja por dinossauro, carros, animais, circo, entre outros, e quando esse fator é identificado, o trabalho docente fica muito mais satisfatório. Para isso é necessária uma observação prévia e cautelosa para identificar os objetos de preferência da criança, para a partir desse ponto desenvolver atividades voltadas para o hiperfoco da mesma, dessa forma as chances de interesse pelas atividades é muito maior, pois quando há algo que chama sua atenção na atividade, ela se torna muito mais interessante e cativante.

Vicari e Rahme (2020) desenvolveram um estudo de análise com alunos dentro da sala de aula e observaram a importância do aluno com TEA sempre estar localizado nas primeiras carteiras e não no fundo, assim pode ter contato direto com a professora, estar perto da lousa e fora do campo de visão de tantas distrações, como outros colegas, objetos presentes na sala, papéis pregados na parede, etc.

Quando o aluno possui auxiliar, é importante que a professora continue se dirigindo a criança com TEA diretamente, da mesma forma que faz com os outros, pois, muitas vezes, o fato de ter alguém auxiliando o estudante torna confuso o papel dos profissionais, mas o aprendizado da criança segue sendo responsabilidade do professor da sala, o auxiliar está ali apenas para auxiliar na execução das propostas, ajuda em suas necessidades básicas de higiene e de socialização. Esses são alguns detalhes, que podem parecer pequenos e insignificantes, mas são de grande importância no desenvolvimento e aprendizado de indivíduos com TEA.

Além de todos esses recursos, também há estudos da influência da música no desenvolvimento da criança autista. Bertoluchi (2011), em trabalho de pesquisa realizado sobre a musicalização, nos diz que:

(...) ainda auxilia no desenvolvimento e aperfeiçoamento da socialização, alfabetização, capacidade inventiva, expressividade, coordenação motora e motricidade fina, percepção sonora, percepção espacial, raciocínio lógico e matemático e estética". O estudo e a prática musical, podem acontecer de forma individual ou em conjunto, favorecendo a

abertura de canais de comunicação. Quem realiza esse trabalho é o profissional da psicopedagogia, que traz a característica de ser um mediador aluno-escola-família, tornando os resultados otimizados e promovendo a inclusão e desenvolvimento da criança na maioria dos ambientes em que está inserido (BONORA, 2010, p. 02).

Pendeza e Souza (2015), em suas pesquisas, afirmam que o uso da música direciona as necessidades específicas da criança, podendo potencializar a aprendizagem de outras disciplinas e auxiliar na aprimoração da cognição do aluno. Segundo Bertoluchi (2011), quando a prática da música é direcionada e focada no desenvolvimento global do sujeito, poderá cultivar uma apreciação positiva pela arte musical na criança, permitindo-lhe expressar sua própria beleza emocional e compreender os sentimentos subjacentes à criação artística em geral.

A música é um meio de comunicação não-verbal e facilita a expressão dos sentimentos, possibilitando assim uma nova forma de comunicação. Este método é muito importante para a criança com autismo, pois a conecta com o ambiente em que está inserida, também funciona como um estímulo sensorial, proporcionando um maior desenvolvimento das suas aptidões. Auxilia até mesmo na aproximação física, facilitando a permissão ao toque, além de possibilitar que o aluno autista preste mais atenção, já que o foco está em quem está executando os movimentos, ele mesmo, ou seja, a música é uma integradora de sentidos.

No estudo de Pendeza e Souza (2015), as pesquisadoras concluíram que o uso da música com crianças autistas causa melhora na atenção, maior participação nas aulas, descoberta da fala, aumento do contato visual, exploração dos sentimentos, melhora na interação social, no autocontrole, na comunicação, motricidade, desenvolvimento cognitivo, no processo lúdico e também proporciona que a criança seja mais feliz e alegre.

As possibilidades de trabalhar com as crianças autistas são muitas, e é no dia a dia que se descobre qual a melhor prática para desenvolver com seu aluno, é necessário muita observação, análise aprofundada e paciência, muitas vezes de início as crianças não reagem bem à esses estímulos logo de cara, mas aos poucos vão se familiarizando e diversos avanços podem ser notados. É necessário sempre estar pesquisando e buscando novas estratégias para trabalhar com as crianças

autistas, os estudos nessa área estão apenas no começo, este tema pode ser muito rico de possibilidades e descobertas.

4 VIVÊNCIAS PESSOAIS

A partir da minha experiência de 4 anos de trabalho com crianças com TEA, tive a oportunidade de observar a relação das escolas com esses alunos, aprendi a desenvolver diversas estratégias, a lidar com momentos de crises, respeitar cada um dos indivíduos e seus momentos, é um trabalho que exige muita paciência, compreensão e força de vontade, é necessário estar disposto a querer fazer a diferença na vida destes indivíduos. O trabalho não é fácil e nem simples, os professores que se dedicam de fato ao ensino desses alunos são considerados verdadeiros heróis, o sucesso ou fracasso da aprendizagem dos mesmos depende desse heroísmo. É necessário que a luta por caminhos com melhores condições para esses estudantes continue em ascensão, a melhoria no ensino das crianças com TEA deve ser sempre um ponto importante e essencial a ser discutido, pesquisado e implementado.

Em 2022, enquanto trabalhava com um aluno autista severo do 6º ano, percebi que as abordagens tradicionais de ensino não estavam funcionando para ele. Por isso, adaptei os conteúdos, utilizando estratégias como mapas mentais, utilizando cores e desenhos para facilitar sua compreensão. Além disso, desenvolvemos experiências práticas para ajudá-lo a compreender conceitos abstratos, como substâncias homogêneas e heterogêneas, através de uma experiência feita com galhos, folhas, água com sal e açúcar, em que misturamos os objetos em copos diferentes, o sal com água, e os galhos com as folhas por exemplo, para compreender qual mistura era heterogênea e qual era homogênea. Em matemática também era necessário utilizar recursos visuais, trabalhei com uma grande quantidade de lápis e canetas para demonstrar as quantidades. Quando eu sentia que uma atividade era demais para ele, separava apenas alguns exercícios para serem realizados, ou desenvolvia outras questões mais simples para ele resolver. O uso de estratégias visuais com ele funcionava muito bem, cheguei a essa conclusão depois de mais ou menos um mês analisando sua presença na sala, prestando atenção nas matérias que ele possuía mais dificuldades, onde seria necessário adaptação, elas foram muito eficazes com este aluno em específico e demonstraram a importância de uma abordagem personalizada para cada indivíduo.

Atualmente, trabalho com duas crianças com TEA com idade de quatro anos que não se comunicam verbalmente, então é preciso que elas sejam estimuladas a

interagir com outras crianças, que estejam em contato com atividades lúdicas, que brinquem, o contato visual é de extrema importância, a estimulação da comunicação através de gestos também é sempre bem-vinda. Essa foi a maneira que encontrei de me comunicar com elas, a estimulação é fundamental, mesmo quando os resultados não são imediatamente visíveis. Procuro envolvê-las em todas as atividades, explicando cada passo e respeitando seus interesses e limitações. É essencial adotar uma abordagem sensível e paciente, considerando as necessidades individuais de cada criança. Uma prática que notei ser muito eficaz com eles foi sempre sentar no chão juntos nos momentos que entram em crise ou se negam a fazer alguma coisa, busco conversar com eles sempre olhando diretamente nos olhos e com muita paciência explicar que naquele momento precisamos fazer outra coisa e que depois podemos voltar à atividade anterior. Mesmo que eles não respondem verbalmente, na maioria dos casos entendem o que está sendo dito e aceitam realizar o que é proposto.

É necessário ressaltar que o tempo dos indivíduos autistas é diferente do restante das pessoas, tem dias em que vão estar mais resistentes, mais cansados e que não vão estar dispostos a realizar o que é proposto, e tudo bem, não devemos forçá-los pois isso provavelmente levará a uma crise e isso torna tudo mais difícil e complexo, é importante saber respeitar o tempo de cada um deles.

Para trabalhar com crianças com TEA, é necessário adaptar o currículo, compreender suas limitações e respeitar seu ritmo de aprendizado. É preciso explorar diversas formas de ensino, utilizando recursos visuais e atividades que despertem o interesse dos alunos. No entanto, para que essas estratégias sejam eficazes, as escolas precisam estar dispostas a promover mudanças, adaptando o currículo e oferecendo apoio adequado aos professores. As salas de aula lotadas dificultam a individualização do ensino, destacando a importância de contar com auxiliares e recursos adicionais para garantir o sucesso educacional de todos os alunos, incluindo aqueles com TEA, mas a realidade que encontram ainda está muito distante disso.

Nesses meus anos de experiência pude notar muitas vezes o descaso dos profissionais que trabalham com estas crianças, seja por parte dos professores ou da gestão. Estive em contato com muitos docentes que achavam que as recomendações dos profissionais da Sala de AEE não eram necessária, que as atitudes que precisavam ser adotadas seriam apenas para dar mais trabalho, que

estavam inventando mais coisas para dificultar sua prática em sala de aula, quando o que estava acontecendo era exatamente o oposto. Diversos profissionais ignoram a existência do aluno autista em sala de aula, não querem ter mais trabalho desenvolvendo atividades diferenciadas e adaptadas às necessidades dos seus alunos, desta forma estão negligenciando a educação dos mesmos.

A gestão na maioria das vezes também é muito falha, pois não se mostra solícita às necessidades dos professores, já trabalhei em uma sala de maternal que contava com 23 alunos, tendo 4 inclusões nela, e mesmo com a professora pedindo que alguma medida fosse tomada, nada mudou, para que a educação seja de qualidade e para todos, é necessário o comprometimento de toda a equipe docente.

Portanto, para uma educação inclusiva e para todos, é necessário que todos estejam envolvidos e comprometidos com a inserção de forma integral dos alunos da educação especial, sendo na socialização, adaptação do conteúdo, práticas respeitadas, para assim contar com um ambiente apto para receber todos os tipos de criança e se adequar às suas necessidades específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é evidente que a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas ainda é um desafio diário, necessita de uma abordagem com atenção e ação, valorizando sempre o uso da sensibilidade, compreensão e intervenções práticas, devendo ser um compromisso contínuo da comunidade escolar promover uma cultura inclusiva.

Diversos avanços podem ser observados na compreensão do TEA e das estratégias educacionais que foram desenvolvidas e que podem ser utilizadas, porém grande parte das escolas enfrentam a falta de preparo e de recursos para atender às necessidades desses alunos de forma adequada. Isso se deve à falta de formação específica e orientação adequada dos professores.

As escolas e seus docentes devem reconhecer que quando se trata de educação especial, a abordagem das atividades deve ser individualizada e adaptadas para cada um dos alunos com TEA, valorizando dessa forma suas potencialidades e respeitando o ritmo de aprendizagem de cada um deles. Para isso, é necessário que haja mudança na forma como o ensino é concebido e implementado, deve enfatizar a flexibilização curricular, o uso de tecnologias assistivas e promover sempre ambientes inclusivos.

Além disso, é de extrema importância o engajamento e apoio das famílias, assim como a colaboração e união da escola, professores, profissionais da saúde e todos que fazem parte da comunidade educativa. Através de todos esses fatores e do uso de uma abordagem colaborativa e abrangente é possível propiciar uma educação de qualidade e inclusiva para todos os alunos, independente de suas individualidades.

Uma sociedade justa e progressista se constrói através de como ela trata seus membros mais vulneráveis e marginalizados, ou seja, quando enfrentamos os desafios da inclusão de alunos com TEA nas escolas não estamos apenas melhorando a vida desses indivíduos, mas promovendo o respeito, à diversidade e a igualdade para a comunidade de forma integral. Este deve ser um compromisso de todos, com a consciência de que exige dedicação, empatia e ação contínua, pois quando esses desafios são trabalhados e pensados de forma coletiva, um futuro brilhante e inclusivo para todos estará garantido.

Portanto, é essencial investir em formação continuada para os profissionais da educação, promover a conscientização e sensibilização sobre o TEA na comunidade escolar de forma ampla e integral e garantir o acesso à recursos e suportes adequados. Dessa forma é possível avançar na consolidação de uma sociedade inclusiva, empática e acolhedora para todos os indivíduos de forma plena.

REFERÊNCIAS

- PENDEZA, Daniele; SOUZA, Tânia. A educação musical como instrumento psicopedagógico no atendimento a crianças com transtorno do espectro do Autismo. Rio Grande do Sul, 2015.
- GARCIA, Rafael Vilas Boas; DENARI, Fatima Elisabeth. Formação de professores de creche e Transtorno do Espectro Autista: resultados de um curso presencial e a distância. Revista Educação Especial, v. 36. Santa Maria, 2023.
- VICARI, Luiza Pinheiro Leão; RAHME, Mônica Maria Farid. Escolarização de alunos com TEA: práticas educativas em uma rede pública de ensino. Revista Educação Especial, v. 33. Santa Maria, 2020.
- EL TASSA, Khaled Omar Mohamad; CRUZ, Gilmar de Carvalho; CABRAL, Jeniffer Javorsk. Educação inclusiva e o curso de formação de docentes: Desafios e Relatos de experiência. Boletim da Conjuntura. Boa Vista, 2023.
- SCHMIDT, Carlos; NUNES, Débora Regina de Paula; PEREIRA, Débora Mara; OLIVEIRA, Vivian Fátima; NUERNBERG, Adriano Henrique; KUBASKI, Cristiane. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 18(1), 222-235. São Paulo, SP, jan.-abr. 2016.
- FALCÃO, Francisca Thanísia de Freitas. A formação de professores na perspectiva da inclusão de estudantes autistas: uma revisão narrativa. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar ISSN 2675-6218. V.4, n.7, 2023.
- CORREIO, Mirele Melo Santos; CORREIO, Niltom Vieira Junior. Um estudo sobre a utilização de métodos pedagógicos no desenvolvimento da aprendizagem de estudantes autistas: Um estudo de caso em duas escolas públicas do município de Luz - MG. Cadernos Cajuína, v.5, n.3, Setembro, 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

BERTOLUCHI, M. A. Autismo, Musicalização e Musicoterapia. CEDAP, Centro de Estudos e Desenvolvimento do Autismo e Patologias. Brasil, 2011.